



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

IMPORTA CONHECER O RECÉM NASCIDO

EvY Éden Martins Prola
Florêncio Vicente Castro
Universidade de Extremadura
Carlos Amaral Dias
Instituto Superior Miguel Torga – Coimbra

RESUMO

O conhecimento sobre o recém-nascido, em prol do interagir, de forma eficaz e satisfatória, de acordo com o desejo e necessidades do próprio recém-nascido, aliado ao acto de se pensar sua condição de ser humano em desenvolvimento, independente na interdependência, e o desejo de provocar estímulos à mãe e ou ao pai, e aos prestadores de cuidados do bebé, na interacção precoce, são a força motivadora deste trabalho teórico.

De um passado ainda recente, onde o bebé era considerado um ser movido por reflexos e satisfação de necessidades, passa-se a novos conhecimentos acerca do bebé, onde o próprio mostra o que sabe, através de suas competências e formas de comunicação, únicas e diferentes das do adulto.

Em sua condição de ser humano, em interacção para desenvolver as competências que naturalmente possui, e que vão muito além dos reflexos e dos instintos, os quais muitas outras espécies os possuem, o bebé recém-nascido não é uma ilha.

O bebé necessita do outro. Necessita de sua mãe e ou de seu pai, ou prestadores de cuidados, assim com necessita de um meio circundante saudavelmente preparado para com ele interagirem. Importa, neste interagir, deixar-se guiar pelo bebé. Observar com atenção e, dar respostas, de acordo com os desejos ou não desejos de atenção e cuidados, manifestados pelo próprio bebé. Na promoção de seu desenvolvimento individual e no estabelecimento de princípios de confiança básica, sem esquecer a devida valoração das perspectivas do recém-nascido.

Palavras-chave: saber do recém-nascido, competências do recém-nascido, comportamento neonatal, interacção precoce.



IMPORTA CONHECER O RECÉM NASCIDO

ABSTRACT

The main motivation of this theoretical work is the knowledge of the newborn, in order to promote effective and satisfactory interaction, according to his own desire and needs, as well as the thought about his developing human being condition, independent in the interdependence, and also the wishes to stimulate early interaction in both mother and or father or baby care providers.

From recent past years, when the baby was considered to be moved by reflexes and satisfactions of the needs only, today news knowledge about baby indicate that he shows what he knows, through his unique skills and ways of the communications, different of the adults.

As a human being interacting to develop the skills that he naturally have and which are far beyond reflexes and satisfaction of needs that many other species also possess, the newborn baby is not an island.

The baby needs the others. He needs the mother and or the father or the care providers as well as a healthy surrounding environment prepared to interact with him. In this interacting relationship, it is essential to be guided by the baby; to observe carefully and give answers according to the desires (or non-desires) of attention and care expressed by the baby. All that respecting his individual development, promoting the establishment of principles of basic trust in the evaluation of the newborn's prospects.

Keywords: newborn's know, newborn's competence, neonatal behaviour, early interaction.

OBJETIVO

Com este estudo objectiva-se, contribuir para a compreensão do conhecimento sobre o recém-nascido e, salientar a importância deste mesmo conhecimento para a mãe, o pai e prestadores de cuidados, pessoas com as quais o recém-nascido interage e cria alicerces para desenvolver as competências que naturalmente possui.

De "Tábua Rasa" A Possuidor De Saberes

O recém-nascido, "tábua rasa" de outrora, conquistou o estatuto de possuidor de competências relacionais e capacidades discriminativas.

Para Sá (2006) o bebé já não é um desconhecido, assim como não é enigmático.

Para tal visão e percepção do fenómeno, muito contribuíram os trabalhos de investigação feitos ao longo do tempo. A busca do conhecimento sobre o recém-nascido, para a construção de teorias e práticas que permitam cuidar, orientar, ensinar, e desenvolver o pleno, justo e adequado desenvolvimento do ser humano, continua a ser feita.

Nesta busca importa pensar que *"Só se pode planejar um futuro melhor, dando-se valor e significado às perspectivas do recém-nascido, na vida desse mesmo mundo"* (Martins Prola, Castro, e Amaral Dias, 2007).

O ser humano desde que nasce possui caminhos abertos a serem percorridos. O caminho percorrido será determinado pelo meio ambiente encontrado, e pela forma como os pais ou substitutos cuidam e tratam desse ser humano, e como ele responde aos pais (Bowlby, 1989).

Meltzoff et. al. (2001) e Brazelton (2004) afirmam que já nos primeiros dias de vida o bebé começa a adquirir conhecimentos de forma rápida. Facto novo para muitos investigadores, mas que por instinto a maioria das mães conhece muito bem. Através dos tempos foram sendo feitas especulações



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

sobre a mente do bebé. No entanto o facto de se tornar um objecto de rigorosa observação científica ainda é recente.

O bebé não é uma “tábua rasa”. Muito pelo contrário possui uma inquietante precocidade em suas competências relacionais (Sá, 2004).

Para Sá (2006) o bebé não precisa da mãe para pensar, pois pensa por si. Precisa da mãe para pensar melhor. O autor vai mais longe, reage a Winnicott, e afirma que a mãe não existe fora da relação com o bebé. Concorde-se com Sá e acrescenta-se que o bebé também precisa do pai para pensar melhor. Pensa-se que o pai também não existe fora da relação com o bebé.

De um ser o qual se acreditava incapaz de seleccionar e discriminar sensações vindas do ambiente, o bebé passa a demonstrar que dias após o nascimento, reconhece o rosto, a voz e o odor de sua mãe, distingue a voz humana, aprende a se relacionar utilizando gestos, interpreta expressões faciais de alegria, tristeza, raiva e faz conexões de causa efeito, de modo a prever ou controlar uma terceira (Meltzoff et. al., 2001).

Acrescenta-se, a partir de Sá (2006), que o bebé possui actividade pulsional, funcionamento reflexivo, capacidade de mentalizar e construir espaços potenciais, muito antes da simbolização.

O bebé quer entender o mundo físico dos objectos e o mundo psicológico do ser humano, é um verdadeiro cientista. Como cientista ideal, pelo simples prazer da descoberta, quer fazer melhor a previsão das coisas, a partir da compreensão destas. Neste processo os pais são suas cobaias (Meltzoff et. al., 2001).

Como saber o que sabe o recém-nascido?

Segundo Macfarlane (1979), existem várias formas ou métodos científicos para se descobrir quem é o bebé. Através de observações e registos da actividade do recém-nascido; através do registo de sinais vitais, como por exemplo dos batimentos cardíacos, do ritmo respiratório; através da utilização de instrumentos de avaliação, entre outros. Mas a forma mais agradável é a utilizada pela própria mãe: a observação atenta.

“As observações mostram que as crianças respondem socialmente desde o nascimento” (Bowlby, 1989 p. 131).

Outra forma de conhecer e compreender as competências do recém-nascido, é através da Escala para Avaliação do Comportamento Neonatal, criada por Brazelton. Que caracteriza de forma pontual condutas e formas de organização do recém-nascido. Através da NBAS descobre-se que o recém-nascido passa por vários estádios de sono e estádios de vigília (Brazelton, 1997).

Muito mais que uma escala de avaliação a NBAS é uma partilha, através da qual se pode descobrir que o recém-nascido é uma pessoa apta a comunicar. Possui capacidades, competências e temperamentos individuais, únicos e diferentes de qualquer outro recém-nascido.

De acordo com Sparrow (2007) o importante, para a mãe, pai ou cuidadores, na busca de conhecimento sobre o recém-nascido, é ter calma e confiar nos próprios instintos, para aprender a distinguir e responder de forma eficaz aos gritos de vida lançados pelo bebé, e perceber o que o bebé quer comunicar.

De que é capaz o recém-nascido?

O recém-nascido é capaz de demonstrar que possui capacidades motoras e perceptivas muito complexas.



IMPORTA CONHECER O RECÉM NASCIDO

É capaz de agarrar objectos; arrastar-se em cima de uma superfície compacta; ao ser coçado num dos lados da extremidade da coluna vértebra, curvar as costas; executar movimentos de marcha, se suportado por baixo dos braços; virar a cabeça quando se lhe estimula ao redor da boca; seleccionar e usar grandes quantidades de informação sobre o meio que o rodeia e manifestar atitudes com relação às suas necessidades (Macfarlane, 1979).

Segundo (Bowlby, 1989) logo que nasce o bebé é capaz de agarrar, chupar e seguir sua mãe, (por seguir Bowlby entendia o facto do bebé possuir a tendência de não perder a mãe de vista, não deixar de a ouvir). E é capaz de activar o comportamento maternal através de seu choro ou sorriso. Respostas que constituem comportamento de vinculação humana.

É capaz de se proteger.

Os diversos estádios através dos quais o bebé passa, são modos internos de desenvolvimento, busca de interacção e autoprotecção. Possuem componentes externas interpretáveis e internas que o próprio bebé controla (Brazelton, 2004).

Captar visualmente rostos e objectos.

Quando um bebé nasce, sua visão não está completamente formada, não vê como um adulto. Mas está capacitado para o que precisa nesse momento: ver o rosto de sua mãe e ou seu pai.

“Quando os seus olhos se prendem ao contraste dos olhos maternos estudam-lhe a expressão. Riem se eles riem, ficam inquietos quando eles se desviam, procuram o seu contacto, desfiam-nos... O olhar exprime melhor do que tudo o sentir profundo que é vivido pela mãe em interacção com o filho” (Biscaia, s/d).

Brazelton (1997) demonstra através da avaliação da orientação visual animada e inanimada, no módulo social interactivo da NBAS, que o recém-nascido possui orientação visual.

Noutro exemplo, ao mover-se a cabeça da pessoa que examina, para frente e para trás, com nove polegadas de distância do rosto do recém-nascido, ele a segue durante pequenas distâncias com movimentos oculares espasmódicos (Macfarlane, 1979).

Fantz (1961; em Macfarlane, 1979) demonstra qual a forma de cabeça humana que o bebé prefere olhar. Testou bebés entre os quatro e seis dias e comprovou que os bebés testados olharam mais para a cara mais real, humana.

O bebé com apenas duas semanas já distingue o rosto de sua mãe. Carpenter (1974; em Macfarlane, 1979) testou bebés de duas semanas, mostrou-lhes o rosto de suas próprias mães e o rosto de outras mulheres. Os bebés demoraram mais tempo a olhar as suas próprias mães do que as outras mulheres.

Ao avaliar a reacção de bebés, com menos de duas semanas, à solidez de objectos Bower (1974; em Macfarlane, 1979) descreve que ao movimentar-se um objecto grande, a várias velocidades em direcção ao bebé, este puxava a cabeça para trás e colocava as mãos entre ele e o objecto, quando este estava próximo do bebé. Mas se a velocidade for menor ou o objecto se mover a partir do bebé ele deixa de reagir.

Ouvir vozes e sons.

A maioria das mães afirma que seu bebé sabe ouvir. E de facto é verdade que o recém-nascido responde ao som. Através da NBAS, percebe-se que o recém-nascido ao ser estimulado, por um guizo e uma campainha, responde e se habitua a estímulos auditivos perturbadores (Brazelton 1997).

Para Hutt (1973; em Macfarlane, 1979) o recém-nascido prefere sons com frequências altas. E prefere a voz feminina á masculina.

De Casper e Fifer (1980) afirmam que de todas as vozes que ouve, o recém-nascido prefere a de sua mãe.



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

Um outro estudo prova que o bebé prefere a voz de sua mãe à de estranhos. Mills (1975; em Macfarlane, 1979) ao testar bebés, e concluiu que mamavam mais para ouvirem a voz de sua mãe.

Para demonstrar às mães que o seu bebé conhece e prefere sua voz, Brazelton faz a seguinte demonstração: ao terceiro dia, depois do nascimento, Brazelton apresenta o bebé à mãe. Agarra-o e pede à mãe que chame pelo nome do seu bebé, ao mesmo tempo que Brazelton também o chama. Após dois ou três chamamentos, o bebé gira a cabeça em direcção à sua mãe (Cramer, 1990).

Discriminar odores.

Ao observar bebés com apenas dois dias de vida, Engen, Lipsitt e Kay (1963; em Macfarlane, 1979) demonstraram que estes alteravam seu ritmo cardíaco e respiratório, face à mudança de odores. Demonstrando reconhecer e diferenciar cheiros. Já a partir dos primeiros dias de vida o bebé reconhece o cheiro do leite de sua mãe.

Cramer (1990) diz-nos que se for apresentado ao recém-nascido um algodão embebido no leite de sua mãe e outro no leite de vaca, ele cheirá por muito mais tempo o algodão com o cheiro de sua mãe.

Distinguir sabores.

O recém-nascido prefere o leite de sua mãe ao leite de vaca. Prefere o doce ao salgado. Salisbury (1975; em Macfarlane) demonstra que ao dar água salgada aos bebés, eles reprimam a respiração.

Responder a um abraço.

O recém-nascido responde ao abraço de forma activa e espontânea.

Estando o recém-nascido em estado de alerta, na vertical e apoiado pela mão e ombro do examinador, o bebé, levanta a cabeça, olha ao seu redor e acomoda-se entre a face e rosto do examinador (Brazelton, 1997).

Imitar expressões.

Através da imitação o recém-nascido mostra toda sua sofisticação.

Para Meltzoff (2001) as observações deste pequeno cientista são os primeiros canais para a aprendizagem que por imitação, inicia ao nascer, e tem como base a conexão social com o outro.

Meltzoff e More (1977) demonstram que o recém-nascido tem capacidade para imitar expressões de um adulto. Se um adulto põe a língua para fora, cerra os olhos e a boca, se abre a boca demonstrando espanto, se expressa tristeza, se serra os punhos, ele imita, faz igual. Mas não imita a lâmpada, a manta, o brinquedo... e não é ensinado para fazer isso. Tem-se aqui os primórdios para o desenvolvimento moral e social (Meltzoff, 2001).

Para Cramer (1990), a repetição coerente, regular e previsível dos intercâmbios entre a mãe e o bebé são o vocabulário desta comunicação. Que permite ao bebé e à mãe familiarizarem-se com um estilo próprio de relacionamento. Assim como o adulto, o bebé, é sensível às convenções que regem as relações sociais. Neste processo é muito importante o bebé estar apegado à sua mãe e elegê-la "seu par perfeito".

Principalmente perceber sua mãe.

O recém-nascido é sensível às mensagens de sua mãe. É capaz de perceber as mudanças emocionais da mãe, sabe quando ela está impaciente, nervosa, triste alegre, quando aceita ou repudia seu comportamento.

O bebé e sua mãe adaptam-se de forma mútua, em aproximações e afastamentos ritmados: excitam-se, acalmam-se e se distanciam. Através de brincadeiras e jogos. Cada mãe e bebé possuem a sua própria "dança de amor" (Brazelton, 2000).



IMPORTA CONHECER O RECÉM NASCIDO

Nesta “dança de amor”, há um ritmo característico de atenção e desatenção. O bebé responde aos chamados de sua mãe de forma animada, sorri, contorce-se todo e vocaliza sons. Depois pára, desliga-se, á espera da resposta de sua mãe, que também já teve seu tempo de pausa. Sorri, gorgoleja, estica os braços, enfim faz o que pode para mobilizar a atenção da mãe. É este sistema recíproco que se encontra no centro da relação bebé-pais (Brazelton, 2000).

Para Amaral Dias (1987) é na fantasia da mãe sobre seu filho e na fantasia do filho sobre a mãe que se funda a unidade relacional. Que se prepara o diálogo entre a disponibilidade materna para cuidar do bebé através da interpretação e transformação das necessidades do bebé em pedidos e emoções significativos. Neste contexto surge a disponibilidade do bebé para desenvolver suas competências.

Aprender regras e limites.

A “dança” também possui regras e limites, factores muito importantes para que o bebé adquira conhecimento sobre si e sobre o mundo. Factores que importam tanto como o sistema dos jogos e brincadeiras (Brazelton, 2000).

Para Amaral Dias (1987), o desprazer não pode deixar de existir, uma vez que emerge da própria realidade do bebé, de seu corpo e sensações.

Através desta “dança” estabelece-se uma espécie de convenção, onde o que cada um espera do outro é estabelecido; onde ambos sabem o que é permitido e o que é proibido fazer. Chama-se sincronia interaccional a esta adaptação (Cramer 1990).

O pai é muito importante nesta “dança”. Quer esteja presente ou ausente. O pai funciona como operador do Complexo de Édipo. Ao pai cabe a tarefa de fazer a “dupla castração”: da mãe e do filho. Através da interdição pela lei do pai (Lacan; 1966 em Martins Prola, Castro e Amaral Dias, 2005).

Fazer interacção.

Esta “dança” promove a interacção entre a mãe e o bebé, convertendo-a em comunicação. Para Brazelton (2000), a mãe e o bebé utilizam estas interacções para comunicar suas intenções e seus estados de ânimo.

Para Amaral Dias (1987) ao ter suas necessidades satisfeitas, o bebé aprende que alguém responde ao seu desejo, desenvolve aí a capacidade de ele próprio ser um dador. Aprende a ler e a decifrar o ambiente. Pela expressão corporal e pelos gestos reage aos estímulos que lhe são apresentados. Ao compreender e ser compreendido, torna-se dependente de seu objecto de amor, identifica-se com ele e desenvolve o primeiro pilar de identidade, a confiança básica. Tem-se aqui o primeiro esboço da linguagem e o que desenvolverá o pensamento, o funcionamento da mente e da autonomia.

O bebé comunica seus estados corporais e as emoções à sua mãe, através da identificação projectiva. A mãe acolhe as vivências projectadas de seu bebé e transforma-as, através de seus recursos psíquicos, para que o bebé as possa manejar, e devolve-as ao bebé como parte da personalidade dele. Esta “função de rêverie”, função organizadora materna das emoções do bebé, capacita-o para desenvolver sua própria função organizadora (Bion, 1975).

Para Dolto (1995) o recém-nascido vem ao mundo com imenso conhecimento cultural advindo da história, origem e traumas de seus pais. Estes devem reconhecer de forma paciente e sistemática o desejo de vida de seu recém-nascido. Neste reconhecimento a palavra dirigida ao recém-nascido é fundamental. Ajuda-o a ocupar um lugar no mundo dos adultos e a dar sentido ao que vive.

Para Bowlby (1995), uma pessoa que não tenha tido cuidados maternos envoltos em amor, sentirá dificuldades para amar o outro. Onde a confiança na disponibilidade, traduzidas em respostas às



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

necessidades afectivas, de atenção, de comunicação, e compreensão, devem ser uma constante. O pai é uma dessas partes. É uma pessoa muito importante em todo este processo.

Segundo Lacan (1966; em Martins Prola, Castro e Amaral Dias, 2005) não importa se o pai está ausente, se é substituído por outra pessoa ou se morreu. O que importa é que a mãe reconheça e nomeie o pai. Que este exista para a mãe. E que a criança se sinta excluída da sua posição imaginária. Para Lacan, é mais importante o papel do desejo imaginário (a criança), do objecto do desejo (a mãe) e da lei (o pai) que proíbe este desejo, que os personagens.

Ser estimulado.

Para Macfarlane (1979), o recém-nascido nasce com um enorme número de reflexos automáticos, os quais só realiza como resposta a estímulos adequados.

No entanto para que as competências inatas do recém-nascido se desenvolvam é necessário que a mãe, o pai, os prestadores de cuidados, a família, o meio circundante estimulem na medida adequada estas mesmas competências.

Para estimular o recém-nascido, é preciso antes estar com atenção ao que ele “diz”. E agir de acordo com os desejos, necessidades e tempos, individuais, expressos pelo recém-nascido.

CONCLUSÃO

Viajar pelo mundo do recém-nascido, conhecer os meandros desse mesmo mundo, a partir de conhecimentos naturais, e dos conhecimentos científicos anteriormente desenvolvidos e dos que agora se realizam, é simplesmente fascinante.

O bebé sabe muito bem “dizer” quem é, o que deseja ou não, e o que espera de sua mãe, seu pai ou substitutos. Cabe a estes olharem e verem. Observarem atentamente. Perceberem que a linguagem do recém-nascido, linguagem que um dia também foi do adulto, e que deve estar guardada em algum recanto da maravilhosa caixinha de surpresas que se é, não possui dificuldades de percepção e compreensão.

Importa perceber e compreender que o recém-nascido usa sua bagagem para viajar até sua mãe e ou seu pai e cuidadores. E de forma livre convida-os a embarcarem em seu maravilhoso mundo. Pensa-se que aceitar tal convite é uma honra e um desafio. Assim como se pensa que cabe à mãe e ou ao pai retribuírem o convite ao seu bebé, o que certamente ele aceitará.

Importa na medida em que se é solicitado e de acordo com o ritmo de cada recém-nascido, com atenção aos momentos em que ele próprio demonstre que está pronto, ajudá-lo a abrir a mala e arrumar sua bagagem. Em muitos momentos de sua vida, até, ajudar a “desarrumar” essa mesma bagagem.

Importa motivá-lo a empreender novas viagens, iluminado pelo número de estrelas da Via Láctea, equivalente aos 100 biliões de neurónios que um recém-nascido possui quando nasce.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral Dias, C. A. (1987). *“O papel das instituições e pessoas significativas no processo de desenvolvimento e estruturação da personalidade”*. Actas das Jornadas Pedagógicas. Açores.
- Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago.



IMPORTA CONHECER O RECÉM NASCIDO

- Biscaia, J. (s/d). Perder para encontrar. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Bowlby, J. (1995). Cuidados maternos e saúde mental. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). Uma Base Segura. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B. (2004). O grande livro da criança, p. 09-89, 473-506. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T. B. (2000). Dar atenção à criança. Lisboa: Terramar.
- Brazelton, T. B., Nugent, J. K. (1997). Escala para la evaluación del comportamiento neonatal. (Trad. Carme Costas Moragas, Francesc, C. C., Francesc B. Mussons, M^a Luísa de C. Zurita e Batlló, M. C.). Barcelona: Paidós (Original publicado em 1995).
- Castro, F.V. & Caldera, M.I.F. (1997). *Sigmund Freud como figura independent*. En Castro, F.V. & Caldera, M.I.F.: Desarrollo psicológico femenino y transtornos procreativos (pp. 171-172). Badajoz: PSICOEX.
- Cramer, B. (1990). De profession bébé. Barcelona: Urano.
- De Casper, A. J., Fifer, W. P. (1980). "Of human bonding: newborns prefer their mothers' voices". Science, 208, 1174-1176.
- Dolto, F. (1995). Tout est langage. Paris: Editora Gallimard.
- Gopnik, A., Meltzoff, A. N., Kuhl, P. K. (2001). The scientist in the crib: what early learning tells us about the mind? New York: HarperCollins.
- Macfarlane, A. (1979). A psicologia do nascimento. Lisboa: Edições Salamandra.
- Martins Prola, E. E., Castro, F. V., Amaral Dias, C. A. (2007). "Utilização clínica da escala para avaliação do comportamento neonatal (nbas) na intervenção com pais". International Journal of Developmental and Educational Psychology, XIX, 1(2), 165-175.
- Martins Prola, E. E., Castro, F. V., Amaral Dias, C. A. (2005). "O fruto proibido é o mais apetecido. O fruto proibido é o menos apetecido: breve reflexão sobre o desejo humano". Actas do XII Congresso de Psicologia de La Infancia y de La Adolescencia (INFAD). Santander, Espanha.
- Meltzoff, A. N., More, M. K. (1977). "Imitation of facial and manual gestures by human neonates". Science, 198, 75-78.
- Sá, E. (2006). Da comunhão à comunhão. In Caderno do Bebê, 105-114. Lisboa: Fim de Século.
- Sparrow, J. (2007). "Getting to know your newborn". Scholastic Parent & Child May, 7(14), 41-43.

Fecha de recepción: 28 febrero 2008

Fecha de admisión: 7 marzo 2008